

**Universidade:
presente!**

PROGRAD
PROPQ
SEAD

RELINTER
CAF
SAI

XV Salão de
ENSINO

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

CONVOCAMENTO FORMAC INOVAC
Salão UFRGS 2019

Evento	Salão UFRGS 2019: XV SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Quarenta luas e uma monitoria indígena na Escola de Enfermagem
Autor	JULIANI GOULART PIRES CAROLY
Orientador	CECILIA DREBES PEDRON

RESUMO: O programa de acompanhamento discente de alunos indígenas é uma das ferramentas que busca a permanência dos acadêmicos indígenas na Universidade. Os acadêmicos passarão por um processo de adaptação diferente devido a sua trajetória de ensino voltada à cultura indígena e receberão um acompanhamento individual que lhe favorecerá no seu desempenho dentro da Universidade. O acompanhamento busca criar momentos que auxiliem e potencializem o aproveitamento de cada disciplina cursada bem como contribuir para a conclusão do curso e início de sua atividade profissional. Sendo assim, objetiva-se neste estudo refletir sobre a trajetória acadêmica de uma mulher, gestante, indígena na graduação de enfermagem, sob a ótica de uma monitora do programa de acompanhamento discente aos alunos indígenas. Trata-se de um relato de experiência de monitoria exercida durante o ano de 2019 no curso de enfermagem. Após a seleção pela comissão de graduação de enfermagem houve a construção de um plano de trabalho junto à professora orientadora, que buscava prever as possíveis necessidades da aluna, idealizando encontros semanais e quinzenais e estratégias para que ela se sentisse confortável na universidade e pudesse se dedicar a graduação. Estando as duas cientes de que a aluna já estava em seu terceiro semestre de graduação, esperavam que o suporte que ofereceriam não seria sobre questões de adaptação à cidade e ao transporte, nem ao sistema da universidade, mas sim, apoio no aprendizado do conteúdo das disciplinas, o que de fato estava correto. Porém, não previram durante a construção do plano de trabalho que a aluna estaria grávida. Esta realidade mudou a ideia de abordagem da monitoria e gerou a possibilidade de diversas reflexões ao longo do percurso. Como o esperado para o período da gestação, a aluna sentia-se sonolenta, e essa foi a primeira dificuldade do semestre. Era difícil manter a atenção nas aulas e comparecer aos encontros semanais com a monitora. Os encontros se tornaram mais constantes com a aproximação das avaliações das disciplinas, sendo o foco dos encontros da aluna com a monitora a revisão dos conteúdos. Ambas cursaram cadeiras em comum, o que foi favorável na medida em que os encontros proporcionaram uma troca de conhecimentos. Foi bastante positivo também, que a professora orientadora fosse integrante do departamento de enfermagem materno-infantil e pudesse assim sanar todas as dúvidas sobre a gestação e o sistema de saúde, acompanhando sempre a evolução e tranquilizando a aluna quanto aos seus anseios. Mas como se daria o prosseguimento da graduação após o nascimento da criança? Quem estaria presente no puerpério para prestar apoio sendo que sua família mais próxima vivia em outro estado e seu marido em uma universidade de outra cidade? A moradia da aluna, a casa do estudante universitário, não permitia que crianças vivessem junto com as mães. Após o período da licença maternidade, com quem ficaria a criança enquanto a aluna acompanhasse as aulas? Monitora e professora tomaram consciência de que essas questões permeiam a vida acadêmica de um grande número de estudantes indígenas na UFRGS e muitas vezes acaba sendo um motivo de desistência, quando todo o investimento feito com o intuito de levar o saber indígena para a universidade se perde por falta de amparo ao longo da graduação. Essa falta de certezas acaba causando instabilidade na vida do aluno que, além de estar passando por uma adaptação a uma cultura diferente precisa confrontar todas essas barreiras. Com a intenção de dividir as dúvidas e procurar em conjunto os melhores caminhos para dar seguimento ao projeto, orientadora e monitora organizaram um breve encontro com os outros cinco monitores e orientadores da enfermagem proporcionando um espaço aberto também para refletirem sobre qual o seu papel na jornada de graduação dos estudantes indígenas e como os participantes do programa de assistência discente na enfermagem poderiam contribuir para o aprimoramento dos meios de promover a permanência dos estudantes indígenas. Na ocasião foi expresso o interesse de todos em mais encontros como aquele, inclusive convidando para o próximo o setor responsável pelas ações afirmativas, para que pudessem trocar informações, receber orientações e se atualizarem sobre a situação dos estudantes e das populações indígenas. Poder conversar com os docentes sobre o ingresso dos estudantes indígenas e questionar junto com eles o nosso papel neste processo, receber a capacitação da Coordenadoria de Ações Afirmativas para monitores, passar pela experiência de conhecer a perspectiva de uma dessas estudantes, que para além de indígena também se encontra como uma estudante gestante e que é uma de muitas na mesma situação, em uma parte da sua jornada acadêmica, levou a reflexões sobre o que compõe e o que move a universidade. Acreditando que a diversidade de culturas e saberes seja a base para a construção de conhecimento sobre o mundo dentro da universidade, a presença dos estudantes indígenas é fundamental. Mas para garantir a permanência dos estudantes até o fim da graduação é necessário promover a consciência sobre o valor dessa diversidade e sobre como respeitá-la. O programa de acompanhamento discente aos alunos indígenas foi uma porta para promover este aprendizado.